



ECCE HOMO

C. M. L.  
 GABINETE  
 DE ESTUDIOS  
 OLISIPOVIANES

A SEMANA SANTA EM ROMA.

«Un volume ne suffirait pas pour peindre en détail les seules cérémonies de la Semaine Sainte; on sait de quelle magnificence elles étaient dans la capitale du monde chrétien.»

CHATEAUBRIAND. Génie du Christ.

Um amigo meu, a quem um sentimento de gratidão moveu a acompanhar n'uma viagem ao norte de Italia um compatriota velho, enfermo e perseguido, que ali ao cabo de poucos mezes morreu, passando logo depois de experimentar esta perda á capital do mundo christão, para alliviar o espirito, e satisfazer uma pia e antiga curiosidade, vendo o espectáculo pomposamente religioso das ceremonias misteriosas da Semana Santa, fallava-me ha dias nas impressões, que lhe fizera esta romagem, pintando tanto ao vivo as magestosas scenas de que fôra espectador, que eu tomando notas de tudo entendi, que mesmo sem serem limadas (para o que me faltava o tempo) poderiam apropriadamente ser reproduzidas n'este numero do Panorama.

Foi no principio da primavera de 1842 que o viajante de que fallo se embarcou n'um navio que o transportou de Génova para Civita-Vecchia, d'onde por terra seguiu para Roma. O primeiro objecto que fere os olhos dos que, por qualquer estrada que tomem, chegam aos contornos d'aquella cidade é o zimbório da basilica de S. Pedro do Vaticano, um dos immortaes monumentos do engenho moderno, e no qual o christianismo, por bôca da architectonica que elle fez renascer e pelir, como que está brandando:

«Voici mon Orient, peuples, levez les yeux.»

Bem que o nosso viajante não entrasse pela porta e piazza del Popolo, magnifico atrio da antiga dominadora do Orbe, a sensação que lhe causou, ainda antes de contemplar os grandes monumentos, a simples idéa de se vêr em Roma, igualou o enthusiasmo que a mesma consideração excita em todos os animos, e que o meu illustre e saudoso amigo Chateaubriand exprimiu com uma elegancia de palavras que não cabe nas minhas, na interessante e bem conhecida descripção da sua primeira viagem áquella metropole tão rica de recordações gloriosas.

A multidão de gente de todas condições que ali afflue n'aquella occasião, tornando ainda mais solenne a pompa das funcções sagradas, dá a Roma moderna o mesmo ar senhoril de princeza do Universo, que tinha Roma antiga, quando dentro de seus altos muros recebia as homenagens de todas as nações.

Mas comecemos a esboçar o quadro annuciado no titulo d'este artigo.

DOMINGO DE RAMOS.

N'este primeiro dia da Semana Santa assiste o Papa aos officios Divinos na basilica de S. Pedro do Vaticano. Está ella para este fim ornada de ricas tapeçarias, que fecham a grande nave da igreja no lugar onde dous degraus de porfido a separam do fundo do côro, que durante a funcção d'este dia serve de sala onde esperam as pessoas empregadas no serviço de sua santidade, cujo solio arrumado áquelles tapetes fica proximo ao sepulchro de S. Pedro. Dous tribunas reservadas enchem o vazio das arcadas lateraes: das cinco mais pequenas em que então está dividida, as do lado esquerdo são de tinadas aos

principes de sangue real, da mesma banda em que está o estrado do corpo diplomatico. Á direita e á esquerda da chamada *confissão de S. Pedro*, isto é o logar em que, segundo a tradição, o principe dos Apostolos foi martyrisado, ha logar para as senhoras. Os musicos da capella pontificia estão n'um côro armado debaixo da estatua da imperatriz Santa Helena. Um soberbo tapete cobre o espaço entre o altar-mór e o throno pontificio, desenhando o presbiterio, fechado de ambos os lados pela *quadratura*, ou as bancadas em que pelas suas ordens estão sentados os cardeaes.

A's nove horas da manhã baixa o papa do palacio do Vaticano á basilica de S. Pedro, passando pela capella do Sacramento, e pela da Piedade onde o esperam os cardeaes revestidos dos paramentos roxos correspondentes ás suas respectivas ordens, é tomando ali sua santidade os ornamentos com que costuma assistir ás grandes solemnidades, sobe depois á *Sedia Gestatoria*, ou cadeira collocada sobre uma especie de andor, levado por doze palaferneiros vestidos de opas encarnadas, que o conduzem, precedido da prelatura e do collegio cardinalicio, ao solio, onde depois de sentado recebe a obediencia d'aquelle senado, cada um dos membros d'este, lhe beija reverentemente a mão coberta com o pluvial.

Immediatamente depois sobem ao throno, o monsenhor sacrista, e o diacono e o subdiacono da capella, levando cada um uma palma na mão, que ajoelhando no primeiro escabello (onde dous acolitos levam a caldeirinha e o thuribulo) apresentam ao Papa, o qual, depois de se recitarem a antifona, a oração, lição, gradual e evangelho, que se acham no ritual, benze, asperge, e incensa por tres vezes as palmas, que sendo tomadas pelo governador de Roma, são por este apresentadas ao cardeal decano, ou ao mais antigo dos cardeaes bispos suburbicarios, que as entrega ao santo padre, que guarda uma, manda remetter a segunda ao principe assistente ao solio; e dispõem da terceira como lhe apraz. Sentando-se depois sua santidade, distribue todas as outras palmas, bentas na mesma acção e que lhe são offerecidas pelo primeiro cardeal diacono, pelos cardeaes, patriarchas, arcebispos, bispos, abbades mitrados, penitenciarios, governador de Roma, principe assistente ao solio, auditor da camara, mordomo, thesoureiro, protonotarios apostolicos, geraes das ordens religiosas, conservadores de Roma, chefe do santo hospicio, prelatura, caudatarios dos cardeaes, porteiros da vara vermelha, masseiros, e quando o papa o permite, os estudantes que terminam o curso theologico no collegio Germanico, bem como os estrangeiros admittidos por bilhete do mordomo de sua santidade.

Durante a distribuição das palmas os musicos da capella cantam a antifona *Pueri Hebraeorum*, e logo que se conclue este acto, o principe assistente acompanhado de um auditor da rota, de dous escrivães da camara, e de dous masseiros, vae dar agua ás mãos ao papa, a quem o cardeal decano apresenta a toalha. Diz logo depois o soberano pontifice a oração final, que é immediatamente seguida da procissão, enviando antes d'ella pelo camareiro secreto, que serve de secretario das embaixadas, as palmas bentas aos soberanos e principes de sangue real que se acham em Roma, levando um bussolante as palmas aos cardeaes, que por motivo de molestia não poderam comparecer n'aquella cerimonia.

Quando o subdiacono toma a cruz pontifical ornada com uma palma, para com este emblema da redempção, e com a imagem de Christo, que devemos tomar por guia na nossa viagem terrestre, se

por á frente da procissão, que segundo os liturgistas significa a peregrinação do homem mortal á eternidade, o primeiro cardeal diacono, virando-se para o povo, diz: *Procedamus in pace*, a que o côro responde *In nomine Christi amen*; e começando os músicos da capella a cantar a antífona *Cum appropinquaret*, põem-se a procissão em marcha na seguinte ordem: os criados de sua santidade, os procuradores geraes, os advogados consistoriaes, os camareiros do papa, os capellães cantores, os abreviadores, os votantes da assignatura, os clerigos da câmara pontificia, os auditores da rota, o mestre do sacro palacio (que é sempre um dominicano); a cruz processional, os penitenciaros ou confessores da basilica de S. Pedro, os bispos, arcebispos e patriarchas, os cardeaes acompanhados dos officiaes da sua casa, o primeiro mestre de ceremonias, e o soberano pontifice coberto, não com a tiara, mas com uma mitra simples, levando uma palma na mão esquerda, e conduzido na sua *sede gestatoria* por doze palafreiros, ou *sedarii*, como lhe chamam em Roma. Logo que a procissão tem saído da basilica para a estupenda galiléa ou atrio d'aquelle portentoso edificio; fecha-se a porta do templo, dentro do qual ficam dous capellães cantores, que d'ahi entoam o bello hymno *gloria laus et honor*, composto na prisão de Angers por Theodulo bispo de Orleans, ou de Langes, que aquella sua composição, e a ocasião em que foi feita deveu a sua liberdade. Ao cantarem os músicos o ultimo verso d'aquelle hymno, o subdiacono apostolico tóca com a haste da cruz na porta da igreja, que logo se abre para o regresso da procissão; e os cardeaes tanto que chegam ao presbyterio, despem os paramentos e tomam a capa magna violacea, com a qual na quaresma assistem aos officios que não são celebrados pelo Papa. Começa logo a missa de pontifical em que officia um cardeal presbytero, e na qual a paixão segundo o Evangelista S. Matheus é cantada, parte por tres sacerdotes em cantochão, e a outra parte pelos músicos da capella em cantochão figurado, composto em 1595 por Thomaz Luiz d'Avila, contemporaneo do famoso Palestrina, e cuja musica mandava vir por el-rei D. João IV, para a sua rica collegião musical, e para se executar na antiga capella real, ainda não ha muitos annos se cantava na sé patriarchal de Lisboa. O motete *Stabat Mater dolorosa*, que n'esta função se canta logo depois do *credo*, foi posto em musica por Palestrina e o *Hosanna*, a seis vozes com acompanhamento do côro, é composição de Baini, mestre da capella do Vaticano. Acabada a missa, o cardeal celebrante publica uma indulgencia de trinta annos, e o pontifice volta com o mesmo ceremonial, com que entrou, á capella da Piedade, onde desce da *sede gestatoria* e deixa os ornamentos, que ali tomara, voltando pela capella do Sacramento para o seu palacio.

Segundo a opinião de Benedicto XIV, a cerimonia das palmas foi introduzida na Liturgia no fim do 5.º seculo, ou no começo do 6.º, e nos primeiros tempos d'esta instituição commemorativa da entrada triumphal de Christo em Jerusalem, as palmas colhidas nos campos visinhos da igreja de S. Silvestre *in capite*, e benzidas pelo cardeal hebdomadario de S. Lourenço *extra muros*, eram levadas no chamado *tricladium* de Leão III, a S. João de Latrão, onde o papa as distribuia pelos fieis. As palmas que actualmente servem para esta cerimonia vem de *San Remo*, pequeno paiz situado na ribeira de Genova, e são fornecidas ha mais de dous seculos e meio pela familia *Bressa*, que obteve de Xisto V este privilegio por uma singular circumstancia,

que passo a referir. Acontecendo que na inauguração do magnifico obelisco de Sesostris lavado no Egypto, e que entre dous tanques, onde como diz Dupaty, caem aguas immortaes, se ergue pomposamente em frente da basilica de S. Pedro, aquelle papa, que confiou uma tão delicada operação ao celebre architecto Fontana, decretasse, para que ella se fizesse sem confusão, nem desordem, uma pena severa contra quem n'aquella occasião levantasse a voz; e succedendo que, ao erguer-se a prumo a magestosa agulha estivessem para quebrar-se as guindarezas dos guindastes que a algavam, um joven marinheiro genovez, a quem o perigo imminente fez esquecer a lei; gritou no meio da praça: *molhem as cordas*, conselho que logo foi seguido, e de que resultou o bom exito da empreza; mas que nem por isso deixou, depois de evitado aquelle risco, de mover o auctor a pôr-se a salvo da penalidade incorrida. Descoberto porém e chamado a presença do papa, que longe de o querer castigar, lhe perguntou que recompensa queria em paga do serviço por elle prestado, o moço maritimo respondeu: *que a unica recompensa que desejava, era que sua santidade lhe concedesse e á sua familia o privilegio exclusivo de fornecer as palmas para a basilica de S. Pedro do Vaticano*. Privilegio que Xisto V então lhe deu, e ainda hoje se conserva n'aquella familia.

#### QUARTA FEIRA DE TREVAS.

ESTE segundo officio grande, que é para assim dizer a primeira parte da cerimonia do dia seguinte, toma o nome de *Matinas*, ou *Trevas*, ou *Nocturnos*, desde a meia noite até á madrugada, em que n'outro tempo era celebrado. A capella xistina, que faz parte do palacio do Vaticano, e cujas primoras pinturas foram feitas pelo insigne Miguel Angelo Buonaroti, é onde se celebra o officio d'este dia. A' hora dada, sae o papa do seu aposento para a *sala regia*, onde toma a capa magna de sarja vermelha com o capuz forrado de arminhos, e seguido dos cardeaes vestidos de capa magna violacea entra na capella, e vac depois d'uma breve oração sentar-se no solio, que ali está preparado. Começam logo as matinas, cujos salmos, antífonas e versiculos, são de musica de cantochão, bem como a segunda, e a terceira lamentação de Jeremias, e as lições e responsorios dos tres nocturnos. A primeira lamentação de musica de canto figurado é composição do grande mestre Gregorio Allegri. Depois das matinas seguem-se as laudes. Dita a antífona *Traditor*, depois do cantico *Benedictus*, desce o papa e ajoelhando no genuflexorio posto defronte do altarmór, permanece ali n'esta posição até á conclusão do officio que finda com a oração *Respice quæsumus*, recitada em voz baixa pelo pontifice, e depois da qual sua santidade se retira com os cardeaes á sala regia, onde depõe a capa magna, e d'onde acompanhado das pessoas do seu serviço se recolhe ao seu aposento.

A deliciosa musica do *Miserere* a vozes, d'este e dos dous dias subsequentes, foi composta por Gregorio Allegri e por Baini.

Não posso deixar de notar aqui quanto a nossa musica de igreja differe d'aquella, de que acabo de fallar; sendo força confessar que ha já muitos annos que em Portugal o progresso n'este ponto tem sido tão pouco feliz, como em outras muitas cousas, e com venia dos nossos tão abalisados compositores, direi primeiramente que o instrumental, salvo o órgão, não me parece apropriado aos templos; observando em segundo lugar, que os mestres de que fal-

lo, e em cujo numero entram alguns que muito admirei nas suas composições de musica de theatro, e de quem fui amigo, não se applicaram, como Palestrina, Orlando di Lasso, Avila, Leo, Durante, Scarlatti, Anerio, Bai, Allegri, Pergolete, Jomelli, Peres, Mozart, e outros grandes mestres, ao que eu tomarei a liberdade de chamar *verisimilhança religiosa*. Com effeito, e sobre tudo depois da mudança que tem havido na musica em geral, e que (perdoem-me, ou não me perdoem os cultos da moda) mais me parece feita para estrugir, que para delectar os ouvidos, tenho assistido a *glorias*, que só têm de celebres o serem eternas, e a *credos* em que os cantores christãos têm mais ar de fazer arremeços ao céu, do que de offerecer-lhe humildemente o symbolo de sua crença.

Tornando a tomar o fio da minha narração, farei tambem aqui menção do bodo, que por occasião das solemnidades d'este dia, e dos dous subsequentes os cardeaes, a nobreza, e as differentes classes dos habitantes de Roma, bem como muitos estrangeiros, que formam a confraria do Hospicio, ou como nós d'antes chamavamos, Albergaria da Trindade, fundada em 1548 por S. Philippe Neri em favor dos homens e mulheres pobres, que affluem áquella cidade, dão a estes peregrinos, cujo numero n'estes dias costuma passar de tresentos, usando os principaes personagens lavar os pés dos forasteiros, e fazendo as princezas romanas o mesmo pio mister para com as pessoas do seu sexo.

#### QUINTA FEIRA SANTA.

CELEBRAM-SE antigamente duas, quatro, e mais communmente tres missas n'este dia, a primeira para a reconciliação dos penitentes publicos, a segunda para a benção dos santos oleos, e a terceira em memoria da instituição do Sacramento Eucharistico, na qual o clero e o povo eram admittidos á communhão. Hoje sómente se celebra uma missa, em que se fazem as ceremonias, que tinham logar nas duas ultimas missas, de que acabo de fallar. N'esta solemnidade, que como a antecedente, é feita na capella xistina, primorosamente ornada com uma magnifica tapeçaria, que tem as armas de Clemente VIII, representando a imagem do Senhor morto, sustentado por dous anjos, a descida de Christo ao Limbo, e a sua apparição á Magdalena, o espaldar e docel do solio pontificio são de um estofa prateado e de brocado de ouro. O frontal do altar, e o véu que cobre a cruz da banquetta, são de seda branca.

O papa tendo tomado na *sala regia* o pluvial branco e a mitra aurifrigia, segue precedido dos cardeaes com a capa magna violacea, e do acompanhamento costumado até á capella xistina, onde ora, e sobe ao solio, e depois de lhe ser prestada pelo sacro collegio a obediencia, como fica referido, começa o cardeal decano, que é o officiante n'este dia, a missa pontifical, na qual se observa o rito ordinario até á consagração. Então o celebrante consagra duas hostias, uma que elle ha de commungar, e outra que ha de ficar reservada para a função do seguinte dia, e que o diacono depõem dentro de um calix de prata dourada, e de cristal de roca lavrado com a maior perfeição, e em que se vê representada a figura de Christo no meio dos doze Apostolos. Continúa depois a missa segundo o ceremonial, e em que não communga pessoa alguma além do celebrante, contra o uso, que em todas as outras igrejas se pratica, de haver n'esta solemnidade communhão geral.

Depois de acabar a missa, revestem-se todos os cardeaes, patriarchas, arcebispos e bispos, dos orna-

mentos das suas respectivas ordens, pondo-se a prelatura em duas filas. Dous cardeaes diaconos sobem ao throno pontifical para acompanhar o papa, que desce para vir ante o altar receber o calix, que contém as sagradas especies. Põem-se então a procissão em marcha atravez da *sala regia* alumada por doze magnificos candelabros de bronze. Cantam logo que começa a procissão os musicos da capella o *Pange lingua* de maneira a começar a estrophe *Verbum caro*, quando o Santissimo levado pelo pontifice, que n'esta occasião vae de pé debaixo do pallio, em cujas varas pegam oito bispos, entra na capella *Paulina*.

Logo que sua santidade chega ao altar d'esta capella entrega o calix ao cardeal diacono, que este põem nas mãos do monsenhor sacrista, que o vae depositar no cofre, que fecha á chave, entregando esta ao cardeal penitenciario mór, a quem compete officiar no dia seguinte.

Dito o *Tantum ergo*, passam todos á *Loggia*, ou varanda vaticana.

#### BENÇÃO PONTIFICIA.

A *Loggia* ou varanda de que fallo, situada no pontificio da basilica de S. Pedro está alcatifada com um tapete franjado de ouro e coberta com um grande toldo, que a preserva dos raios do sol. O santo padre chega ali levado na *sedia gestatoria* em que fica, e da qual pondo-se em pé lança a triplice benção apostolica, do modo que mais extensamente referirei quando tratar das ceremonias de domingo de Pascoa.

Dada a benção pelo santo Padre, dous cardeaes lêem, o primeiro em latim, e o segundo em italiano a indulgencia concedida por sua santidade a todos os circumstantes, e lançam na praça o breve d'este indulto. Era d'antes costume fazerem tambem n'esta occasião leitura da bulla *In Cava Domini*, depois da qual se deitava da varanda abaixo uma tocha de cera amarella, mas ha quasi um seculo que foi suprimido este uso.

#### LAVA PÉS DOS APOSTOLOS.

ESTA tocante e edificativa cerimonia, chamada em estylo liturgico *Mandatum* (por começar por esta palavra latina a antifona, que então se canta), e em italiano *la lavanda*, que hoje se faz na basilica de S. Pedro, no espaço que ha entre os dous pilastres da capella dos Santos Processus e Martiniano, tinha antigamente logar ou em S. Lourenço *ad Sancta Sanctorum*, (*la Scala Santa*, assim denominada por se conservar ali os vinte e cinco degraus da escada do Pretorio transferidos de Jerusalem para Roma), ou no pequeno mosteiro de S. Martinho, segundo acontecia que o papa habitasse o palacio de Latrão, ou o do Vaticano. Cencio Camerario quer mesmo que n'aquelles tempos remotissimos se fizessem dous lava pés, um logo no fim da missa a doze subdiaconos, e outro depois de jantar a treze pobres, accrescentando que as muitas ceremonias, que com o andar dos tempos se foram accumulando n'este dia, dessem motivo a supprimir-se um d'aquelles actos religiosos. Como quer que fosse, e sem fazer menção de outras particularidades menos interessantes, e acerca das quaes os liturgistas não estão de acordo, direi que o papa lava em tal dia os pés no logar, que deixo indicado, a treze sacerdotes pobres para este fim designados pelos ministros das quatro côrtes de Portugal, França, Hespanha e Austria, pelo cardeal secretario de estado, pelo cardeal Camerlengo, pelo cardeal prefeito da Propaganda (que nomeia

dous sacerdotes), pelo cardeal protector dos armenios, pelo capitão das guardas suizas e pelo mordomo de sua santidade, que além da prerogativa de fazer tres nomeações tem o direito de approvar as outras.

A cadeira pontificia está para esta cerimonia collocada sobre um estrado elevado, servindo de espaldar uma tapeçaria, em que está representada a Providencia sentada sobre um globo terrestre entre as duas figuras allegoricas da Justiça e da Caridade, vendo-se tambem n'esta tela dous leões sustentando os estandartes da Santa Igreja Romana. A bancada dos treze sacerdotes pobres (a quem n'este acto se dá a denominação de Apostolos) está á direita do solio sobre um segundo estrado, que está unido e tem comunicação com o primeiro. Por detraz da bancada d'aquelles presbiteros está encostada á parede a tapeçaria representando a ceia do Senhor, tela preciosa, fabricada em S. Miguel de Ripa-grande pelo excellente desenho da famosa pintura a fresco de Leonardo de Vinci, que está no refeitorio dos dominicos de Milão. Os cardeaes assistentes tomam logar ao pé do throno. As tribunas dos principes de sangue real, e do corpo diplomatico, estão dispostas na arcada, que fica do lado esquerdo. As senhoras admittidas a vêr esta funcção têm logares reservados na arcada do lado direito, e os homens vestidos de uniforme, ou de outro trajo de côrte, pôdem circular no ambito interior do templo. Muito de proposito narro estas distribuições de logares, contra as quaes ninguem se levanta, para mostrar que pôdem mui bem muitos centenaes de individuos de todas as condições, e até de diversas religiões assistir a uma solemnidade no mais vasto templo do mundo sem fazerem a bulha mais que incommoda, e as escandalosas irreverencias, que ainda no anno passado pela semana Santa muita gente presenciou com dôr e com vergonha n'uma das nossas igrejas de Lisboa. Senão ha devoção, haja ao menos decencia.

Tornando á minha descripção mencionarei que o papa revestido de alva, cingulo, estola e pluvial de côr encarnada, e da mitra ornada de palhetas de prata, entra precedido da prelatura dos cardeaes e das demais pessoas, que formam o seu prestito, na basilica de S. Pedro, vindo primeiro á capella do Sacramento, d'onde pela porta que fica debaixo da tribuna dos principes passa a tomar o seu logar; e ali depois da benção do incenso, e da do diacono que revestido de estola e dalmatica branca ha de cantar o Evangelho, fica em pé, até que finda esta leitura beija o sagrado texto, e é incensado por tres vezes. Logo os musicos da capella levantam a primeira antifona, de que fallei; e sua santidade pondo-se de pé, largando o pluvial, e cingindo uma toalha, vae, levando ante si os maceiros, o primeiro mestre de ceremonias, e dous cardeaes diaconos, ao estrado dos apostolos, revestidos de uma tunica branca com capuz de fórmula conica, e tendo o pé direito descalço. O papa, pondo-se de joelhos diante de cada um d'elles, lava-lhes n'uma bacia de prata dourada os pés, que limpa e beija successivamente, recebendo logo ali cada um dos presbiteros, tanto do santo padre, como do cardeal diacono, e do thesoureiro do estado, que o acompanham, um ramallete de flores e duas medalhas, uma de ouro, e outra de prata em memoria d'esta acção.

Terminada ella com as orações indicadas no cerimonial, passa o pontifice com o cortejo e as pessoas, que assistiram áquella cerimonia, ao logar, onde desde os ultimos annos do pontificado de Gregorio XVI se põem a meza do jantar dos apostolos. Quando o viajor, realisando o projecto de uma peregrinação

de longo tempo sonhada, entra em Roma, e sobe com a emoção de uma pia curiosidade a grande e magnifica escada do Vaticano, chega depois de percorrer as maravilhas de todas as cidades, e de todos os paizes do mundo, juntas n'esta augusta morada, a um local, que pôde ser chamado o *Santuario christão das bellas artes*, que são as salas conhecidas pelo nome artistico de *Loggie di Raffaello*, bem conhecidas pelas bellas calcographias que d'ellas deu um celebre abridor italiano. Traçou ali aquelle grande pintor, n'uma serie de pinturas a fresco historicas e symbolicas, as illustrações e os beneficios do catholicismo. A meza de fórmula rectangular e elevada sobre um estrado, está elegantemente ornada de flores e de primorosas peças de prata, algumas das quaes foram fabricadas no 16.<sup>o</sup> seculo pelo eximio pintor, escultor, gravador e ourives florentino, Benvenuto Cellini, ao valor do qual Clemente VII commetteu a defesa do castello de Sant'Angelo sitiado pelo condestavel de Bourbon. Chegando os apostolos um depois do outro aos seus respectivos logares em torno da meza, ali esperam de pé a chegada do papa. Logo que o santo padre vestido de sotana de lã, roquete e murça branca forrada de arminhos, e acompanhado dos officiaes-môres de sua casa, em *mantellonc* entra na *Loggia* destinada, põem-se os apostolos de joelhos e sua santidade depois de lhes dar agua ás mãos benze a meza, depois do que um capellão secreto faz uma leitura analoga áquelle acto. Os pratos grandes em que se servem as viandas são trazidos pelos prelados, que de joelhos os apresentam ao papa, que os põem diante dos apostolos, aos quaes por algum tempo ministra o comer e o beber, e dando-lhes pela segunda vez a benção se retira.

#### MATINAS OU TREVAS.

A' HORA do costume vae o santo padre capitular as matinas, como no dia antecedente na capella xistina, onde a musica da primeira lamentação a quatro vozes é de Palestrina, e o miserere tambem de canto figurado da composição de um dos eximios mestres, Alexandre Scarlatti, Feliz Anerio, Bai, ou do que passa pelo melhor, de José Bainsi. Ao tempo em que na sobredita capella pontificia se celebra este officio, cantam-se n'este dia, como no antecedente e no subsequente, matinas tambem com musica de capella na basilica de S. Pedro, onde pelo meio dia concorrem todas as confrarias da cidade para receberem a benção das santas reliquias do sagrado *Sudario*, do *Santo Lenho*, e da *lança*, com que o centurião atravessou o lado de Christo; devoção que o cabido d'aquella basilica vae igualmente fazer depois das matinas, tendo procedido á purificação do altar papal, exclusivamente reservado ao santo padre e aos cardeaes. Faz-se esta cerimonia da maneira seguinte: depois das matinas o conego hebdomadario revestido de estola e da pluvial de côr preta, acompanhado dos seus conegos mais antigos vestidos de roquete, e precedido do cruciferario entre dous acolitos, os quaes vão collocar-se da parte do Oriente junto ao sepulchro que como disse tem o nome de *Confissão*, vem ajoelhar diante do mencionado altar, e entoando depois de orar a antifona *Diviserunt sibi*, continuada sem canto pelos capellães, aspergem os conegos com hysopes molhados em vinho aquelle altar que o celebrante immediatamente limpa com estopa e toalhas subministradas pelo soto-altareiro, e feito isto e repetida a predita antifona diz a oração *Respice quæsumus* e retira-se o cabido.

Apagam-se então todas as alampadas, e luzes dos

altáres e dos tocheiros, ficando toda a vasta basilica apenas alumada pela claridade que dá a cruz latina colossal de folha d'arame illuminada, e pendente ante o altar de que acabo de fallar. Tem esta cruz trinta e tres palmos de altura, e dezeseite de largura, e contém trescentas e quatorze placas, cada uma com duas luzes, o que faz seiscentos e vinte e oito lumes. A bellissima estampa gravada no anno de 1783 pelo habil abridor Piranezi, e onde se vê representado o prospecto interior d'aquelle templo nas noutes de quinta feira santa, e de sexta feira de paixão em que se repete a mesma illuminação, dá apenas uma leve idéa do grande effeito optico, que ella produz, parecendo duplicar as proporções d'aquelle grandioso edificio, que então mais fortemente do que em outra qualquer occasião imprime respeito e impressiona a alma. Antigamente havia outra cruz illuminada, e muito maior, contendo mil trescentos e oitenta lumes, dada por um dos papas que tomou o nome de Adriano. Chateaubriand tão grande pintor litterario, como investigador de origens, disse-me que fôra o elevado e sensível Dante, quem na sua *Divina Comedia*, rica de imagens fortes, deu idéa d'esta invenção symbolica da clara e civilisadora luz do christianismo aclarando e esclarecendo o Orbe.

Entre as inumeraveis igrejas de Roma onde por sentimentos religiosos se vae fazer a visita do Santo Sepulchro, mencionei a de S. Antonio dos portuguezes, de S. Thiago dos hespanhoes, da *Torre di Specchi*, de S. Silvestre *in Capite*, do Bom Jesus, casa capitular dos Jesuitas, dos Santos Apostolos, dos Menores Conventuaes, (onde até ao seu pontificado morou Ganganelli, que supprimia a Companhia de Jesus) e as de Santa Maria em Minerva, e de S. André *della Valle*, e a que aos olhos dos eruditos talvez agrada mais na sua simplicidade a da Propaganda, onde o venerando cardeal Borgia, amante e intelligente dos antigos symbolos dos christãos, fez pintar debaixo do monumento o profeta Jonas saído das fuceas da baleia com a lenda misteriosa:

« Plusquam Jonas Hic. »

allusiva ao Salvador. Não se dá propriedade mais propria, nem inscripção mais conveniente.

#### SEXTA FEIRA DE PAIXÃO.

N'ESTE dia especialmente consagrado á memoria do Redemptor, e do instrumento da redempção, costumavam n'outro tempo os papas fazer esta devota função de feria sexta *in Parasceve*, que em frase biblica quer dizer vespera de sabbado e na liturgia grega *Missa dos Presantificados*, em que o celebrante communga a hostia consagrada na missa do dia antecedente na basilica de Santa Cruz em Jerusalem ou *Sessoriana*, onde a rubrica ainda marca a estação d'este dia; descrevendo eu porém a pratica que hoje se segue, direi que na capella xistina, onde actualmente se faz esta cerimonia, estão as velas e tochas amarellas dos castigaes do altar e dos cancellos apagadas, e a cadeira pontificia sem docel nem outros ornatos, bem como a quadratura cardinalicia sem armagão nem tapetes, quando o cardeal *penitenciarario mor*, a quem toca officiar n'este dia revestido de paramentos de côr preta, e sem sandalhas, vem com o diacono e subdiacono, similhantemente paramentado, e precedido do respectivo mestre de ceremonias e dos acolitos, que não levam ceriaes, nem thuribulo ao encontro do papa, que entra na capella com pluvial de sarja encarnada e mitra de lhama de prata, sem trazer annel, nem dar bençãos, e assim avança até

ao presbyterio, onde depondo a mitra faz uma breve oração ajoelhando no faldistorio. Passando então o cardeal celebrante para a esquerda de sua santidade, ajoelha ali tambem e ora, em quanto dous mestres de ceremonias estendem sobre o altar despido de ornamentos uma só toalha. Feita a oração, levantando-se e cobrindo-se o santo padre vae sentar-se na sua cadeira, ante a qual um bispo assistente lhe apresenta o missal, sem que outro ministro allumie, na forma do estylo, com candella, ao passo que o celebrante sobe com o diacono e o subdiacono ao altar, e o beja, dirigindo-se logo depois ao seu faldistorio, onde se senta em quanto o musico mais moderno canta sem pronunciar o titulo a profecia de Oséas *Hæc dixit Dominus*, a que segue o tracto *Domine audivi*, e a oração *Deus a quo et Judas*; terminada a qual o subdiacono lê em tom de epistola a segunda lição *In diebus illis*, tirada do Exodo e seguida do tracto, que como o precedente é cantado em cantochão. F'indo este chegam tres diaconos vestidos de alvas e de estolas e manipulos de côr preta, e depois de saudarem o altar e sua santidade, cantam a paixão segundo S. João na forma praticada em domingo de Ramos. Ao cantarem-se as palavras *Et inclinato capite emisit spiritum*, põem-se todos de joelhos. Depois que no fim da paixão o diacono lê em tom de evangelho *Post hæc*, sem benção, nem ceriaes, nem incenso, não se dá a beijar o texto sagrado ao papa nem ao celebrante. Começa logo depois o sermão em latim pregado por um jesuita, e no fim do qual o orador annuncia a concessão de uma indulgencia de trinta annos. Em seguimento canta o cardeal officiante as dezoito orações ternas pela Igreja, pelo summo pontifice, pelo clero e os mais fieis, pela auctoridade civil, pelos cathecumenos, pelos enfermos, pelos encarcerados, pelos viajantes, por todos os atribulados, pelos hereges, pelos judeus, pelos pagãos, n'uma palavra por todos os homens creados por Deus. Só quem, como o viajante de quem tomei estas notas, e como eu, esteve por longo tempo longe da patria, é que pôde avaliar a impressão de grande, mas não esmorecida saudade, que a oração em que a Igreja pede pela volta ao ninho paterno de todos os peregrinos, por este tempo em que a natureza cobre os campos da côr da esperanza, fez em nossos animos, quando por diversas razões estivemos ausentes da nossa amada patria.

#### ADORAÇÃO DA CRUZ.

DITAS aquellas orações saem do coreto dous tenores escolhidos, que vão para o lado da epistola responder ao cardeal celebrante, que depondo a planeta e posto d'aquella banda, recebe do diacono na extremidade do altar a cruz da banqueta coberta com um véu preto, que se vae tirando nas repetições da antifona. Descoberta a parte superior da cruz, então o officiante *Ecce lignum crucis*, a que o diacono e o subdiacono accresceutam *In quo salus mundi pependit*, e os dous coristas respondem *Venite, adoremus*, todos ajoelham excepto o celebrante, que avançando alguns passos para o meio do altar descobre o braço direito da cruz, e repete-se a antifona acima citada. Quando o eôro responde *Venite, adoremus*, o cardeal celebrante chegando ao meio do altar descobre inteiramente a cruz, e então pela terceira vez a referida antifona, e no mesmo ponto um acolito da capella tira o véu da cruz pontifical.

O cardeal celebrante desce então os degraus do altar, levando em suas mãos a cruz descoberta e a vae collocar sobre uma rica almofada preparada para este fim.

O papa e todos os assistentes põem-se de pé. Dous camareiros sobem até á cadeira pontificia para tirarem os sapatos a sua santidade, que deixando o pluvial e ficando de alva, estola e mitra, desce com mãos postas á porta da quadratura cardinalicia, onde tira a mitra, e o solideo e d'onde acompanhado dos bispos e assistentes, e do primeiro e segundo mestre de ceremonias vae fazer as tres adorações da cruz, beijando depois da ultima o crucifixo; e tendo deitado na bacia de prata dourada, que está do lado esquerdo, uma bolsa de damasco roxo encerrando cem escudos de ouro, volta á séde pontificia.

Apenas sua santidade dá principio ás adorações, começam os musicos da capella o ternissimo canto a vozes, composto por Palestrina, dos chamados *improperii* (termo latino introduzido nos ultimos tempos do imperio romano, que quer dizer exprobrações) por conterem as que o Senhor affectuosa e paternalmente fez aos judeus pela ingratição sacrilega, com que tão impiamente corresponderam a tantos e tamanhos beneficios, que d'elle tinham recebido. No fim de cada um dos *improperii* canta um dos côros em latim, e o outro em grego o *Trisajion*, ou para melhor dizer, imitação das palavras repetidas tres vezes (que isso significa *Trisajion* na lingua grega) de Isaias, e do livro do Apocalypse *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus sabatho*, que aqui se mudam pelas palavras *Agios o Theos, Agios Ischyros, e Agios Athanatos*, e as equivalentes na lingua latina. A musica, que é a linguagem mais expressiva, e o concerto de vozes, que mais que o de instrumentos toca os corações, nunca fizeram tão sensível a dôr da alma, como n'esta admiravel produção do artista encantador, que impediu pela doçura das suas obras que o canto figurado fosse, como estava para ser, vedado nos templos por um pontifice que não pensou, como o professor Frederico Creuser, que o cantochão, que este doutor, não sei com que fundamento, entroncou no canto dos gregos, era a grande e verdadeira musica por excellencia.

Proseguindo na minha narração, para que os meus leitores não cuidem que abusei descortezmente da sua paciencia, farei menção das adorações, que logo depois do papa vão fazer os cardeães, os patriarchas, os arcebispos, os bispos, e os geraes das ordens, o governador de Roma, o príncipe assistente ao solio, e todas as mais pessoas, que têm logar na capella pontificia.

Acabadas as adorações accendem-se as vellas da lanqueta, e o diacono estende o corporal sobre o altar, onde repõem o crucifixo, que é circumdado de rosetas brancas de esmalte, e tem entre safiras, rubins e granadas, vinte e duas pedras preciosas. Esta riquissima pega, na qual a obra excede á materia, foi feita em Vicenza, d'onde era bispo o famoso Pedro Barbo, depois papa com o nome de Paulo II, que a mandou fazer, e doou a reverenda fabrica.

Dispõem-se logo tudo para a procissão da reposição do Santissimo, e o santo padre precedido do collegio dos musicos, que divididos em dous côros param na *sala regia*, e dos officiaes da sua casa, e das demais pessoas já referidas que formam o seu prestito, vae immediatamente depois do cardeal celebrante acompanhado do diacono e subdiacono á capella Paulina, onde ajoelha e ora por algum tempo. Accendendo-se entretanto as tochas, e abrindo o monsenhor sacrista a urna do Santo Sepulchro, extráe d'ella a caixa de cristal, d'onde tira a hostia consagrada, ali depositada, e que elle põem no calix com um véu, que elle entrega ao primeiro cardeal diacono que a põem nas mãos do papa, o qual antes d'isto insenja por tres vezes o Sacramento, que leva prosseccionalmente debai-

xo do palio, entoando o primeiro côro o hymno, que o outro segue, *Vexilla Regis procedunt*, composto no 5.<sup>o</sup> seculo pelo bispo de Poitiers Venantius Honorius Clementinus Fortunatus, grande poeta latino, amigo de S. Martinho de Tours, e secretario da rainha Santa Radegonda, esposa do imperador Clotario I. Ao entrar o papa com o Sacramento na capella xistina, cantam os musicos a bella strophe *O Crux ave spes unica*, e á entrada para dentro dos cancellos, a immediata *Te fms salvis Trinitatis*. Chegado ao altar entrega o summo pontifice o calix ao diacono, que vae collocal o sobre o altar, e tirando o véu que o cobre insenja sua santidade por tres vezes o Sacramento, e volta ao seu logar. Segue então a missa na forma ordinaria, e depois da oração *Libera nos quæsumus*, volve o santo padre ao faldistorio ante o altar, e ali fica de joelhos até á communhão. Põem então o celebrante a hostia na patena e depois eleva-a, e dividia-a em tres partes, lançando a mais pequena dentro do calix; e, em seguida d'estas ceremonias, que não são acompanhadas das orações costumadas, recebe as sagradas especies.

Retira-se immediatamente o pontifice com o seu cortejo, bem como o cardeal celebrante com os seus ministros; e começam as vespersas, que terminam, como todos os officios d'este dia, pelo versiculo *Christus factus est*, e pela oração *Respice*.

#### EXPOSIÇÃO DO SANTO LENHO NA CAPELLA XISTINA.

TEM desde o anno de 1840 logar esta exposição de uma assás volumosa porção do Santo Lenho, em que está esculpida a imagem de Christo, e as da Santa Virgem, dos Apostolos, e mais oito de diversos Santos, assim como alguns caracteres runicos, usados nos paizes septentrionaes antes da invenção das letras gregas, uso que, segundo Boréo, Vérilius, e o irlandez Snorro, se perdeu no 10.<sup>o</sup> seculo.

Esta preciosa reliquia enviada no 5.<sup>o</sup> seculo ao papa S. Leão por Juvenal bispo de Jerusalem, desapareceu durante os primeiros saques de Roma pelos barbaros do norte, e foi achada no anno de 687 n'um recanto obscuro do thesouro de S. Pedro do Vaticano. Perdida pela segunda vez na tomada d'aquella cidade pelo condestavel de Borbon em 1527, foi ella de novo achada pouco depois sem a caixa de prata em que d'antes estava guardada; por cujo motivo o papa Clemente VII, no pontificado do qual occorreu este segundo desaparecimento, mandou fazer o relicario de cristal e prata dourada em que elle até hoje se conserva. Roubada finalmente em 1730, ponde esta reliquia ser recobrada por Clemente XII, ficando desde então entregue á vigilancia do cabido da basilica de S. Pedro.

Depois d'esta exposição, a que por devoção e por curiosidade concorrem muitas pessoas, seguem-se as matinas na capella xistina ás quaes assiste, como ás do antecedente dia, o papa com o sacro collegio e a prelatura na forma que já fica mencionada. A primeira lamentação é cantada a quatro vozes pela musica d'Allegri, que compoz igualmente a do *Misere-re*, que se executa no fim do officio.

Depois de matinas desce o papa do seu palacio á basilica de S. Pedro a venerar todas as santas reliquias depositadas n'aquelle santuario, accção que costuma ter logar no alto da denominada *Loggia da Veronica*. Ha n'este dia grande concorrência nas igrejas do Bom Jesus, de S. André della Valle, de Santa Maria in Transtevere, de Santa Cruz de Jerusalem, de Caravita, de Santa Praxedes, onde está a columna da flagellação, de S. Agostinho, de Santa Cecilia, de Santa Maria Transpontina, de S. Mar-

çal, e de S. Lourenço in Damaso; a sessão publica, que n'esta tarde ha da academia dos Arcades, tão favorecida dos nossos reis, e de que foram e são membros varios portuguezes, é consagrada á recitação de peças de poesia, e de escriptos em prosa, em commemoração da morte do Redemptor. Esta sessão costuma ter logar em casa do custodio geral da referida academia, chamada il Serbatojo.

#### SABBADO D'ALLELUIA.

A PARTE da cerimonia d'este dia de *louvor com alegria*, que isso quer dizer o vocabulo hebraico *halleluiah* que com pouca corrupção passou para todas as linguas, assiste o papa revestido de pluvial encarnado e mitra de lhama de ouro, e o sacro collegio de capa magna violacea na capella xistina, cujo frontal do altar, bem como a armação do solio, é ainda de côr roxa, mas onde já se vêem tapeçarias cobrindo o presbyterio, e a quadratura cardinalicia, e outros ornatos festivos.

Começa a funcção pela benção da agua, do fogo, e dos cinco grãos de incenso que se hão de collocar no cirio pascoal, cerimonia que se faz fóra da capella na *sala regia* visinha. Segue-se a benção d'aquelle cirio, para o que o prelado celebrante acompanhado dos ministros, dos acolitos, e dos masseiros vão primeiro á capella Paulina levando o *tricereo* ou cana com tres vellas, o incenso e uma tocha accesa. Chegando á porta ferrea, chamada a *cancellia da sala regia*, accende o diacono uma das referidas vellas, e de joelhos canta *Lumen Christi*, a que o côro responde *Deo Gratias*. Accende-se a segunda vella do *tricereo* no meio da capella xistina, e a terceira junto ao solio pontificio. Canta em seguida o diacono n'um pulpito proximo ao cirio pascoal o hymno *Exullet*, attribuido por uns a S. Ambrosio, ou a S. Agostinho, e por outros ao papa S. Leão, ou a Pedro o diacono, e que passa na opinião das pessoas intelligentes pela mais bella peça d'este genero que se conhece; accendendo-se o cirio com o *tricereo* quando o diacono canta *in ignem accendit*.

Terminada esta benção recitam, o celebrante em voz baixa, e os capellães em voz alta, as lições das doze profecias, a primeira das quaes tirada do primeiro capitulo do *Genesis* era recitada antigamente em grego. Depois da ultima lição (que é quando de ordinario chega o papa e o sacro collegio) despe o monsenhor celebrante a planeta, e vae com os ministros prostrar-se por terra ante o altar, e dous coristas ajoelhados no presbyterio começam a cantar a ladainha de todos os Santos. Dito o verso *Propitius esto* vão os ministros tomar os paramentos brancos na sacristia d'onde voltam quando os coristas cantam *Peccatores, te rogamus, audi nos*; e então o celebrante levanta-se e passa ao seu logar onde igualmente toma ornamentos brancos. Começa então a missa, chamada do *Papa Marcello II*, por uma circumstancia a que já alludi, e que passo a narrar.

Quando este papa, nos breves dias que em 1555 durou o seu pontificado aboliu da sua capella a musica de canto figurado, pediu o grande mestre Palestrina ao pontifice que antes de tomar qualquer deliberação a tal respeito, lhe permittisse compor para se executar no sabbado d'Alleluia uma missa a seis vozes, o que lhe foi concedido, e tal foi a impressão que esta composição, que ainda n'este dia se executa na capella pontificia, fez no animo d'aquelle papa, que o dissuadiu do seu primeiro proposito.

Havendo não pouca gente que se admire, por não saber a razão da commemoração de uma gloriosa resurreição em dous dias consecutivos, observarei aqui,

que a cerimonia que estou descrevendo, e que ainda hoje conserva em phrase liturgica o nome e rito de missa da noute de pascoa, celebrava-se antigamente antes de raiar a aurora n'aquelle grande dia, e que foi para evitar os inconvenientes que resultavam dos ajuntamentos nocturnos, que se antecipou esta cerimonia, fazendo que tivesse logar no sabbado.

Passando a referir-a direi, que accesas as vellas da banquetta, assim como os tocheiros dos cancellos, tendo-se virado o frontal roxo e posto o branco, o papa, o cardeal celebrante, e os ministros revestidos dos respectivos paramentos da mesma côr, vão ao supedaneo, onde sua santidade diz com elles o Introito da missa, depois do que sobe ao solio e ali, tendo-lhe os cardeaes prestado obediencia na forma do costume, segue a missa de pontifical celebrada até quasi ao fim conforme o rito ordinario.

Quando o celebrante entôa a *Gloria* (que d'antes era n'esta missa e de Natal, cantado unicamente pelos bispos assistentes) dous acolitos correm o véu que até ali cobria o retabulo, os guardas nobres levantam as pontas das espadas, que traziam em funeral, e a um signal dado por meio de uma girandola, repicam os sinos da cidade, e as peças de artilheria do castello de Sant'Angelo dão uma salva real.

O celebrante omittindo as palavras *Agnus Dei*, entôa logo depois da communhão nas especies a antifona *Alleluia*, cantando em seguimento os musicos o salmo *Laudate Dominum gentes*, depois do qual o mesmo cardeal officiante entôa bem assim a antifona *Vespere autem sabbati*, a que segue o cantico, *Magnificat* em musica de Lucas Maranzio; e terminadas com estas orações *inter solemnias* as vespersas, diz o diacono *Ite Missa est*, o santo padre tendo deitado a benção e concedido a indulgencia na forma costumada retira-se ao seu quarto com o acompanhamento do estylo.

N'este mesmo dia celebra o bispo armenio a primeira missa de pascoa segundo o rito particular da sua igreja na basilica de S. João de Latrão, administra-se o baptismo aos judeus, e aos gentios adultos que entram no seio da Igreja catholica.

Passarei agora a dar uma breve noticia da grande solemnidade do seguinte dia.

(Continúa.)

#### MARQUEZ DE REZENDE.

##### ESTATISTICA DA POPULAÇÃO DOS PRINCIPAES ESTADOS DA EUROPA.

Datas	Estados	Numero de habitantes.
1850	— Russia . . . . .	68.000:000
1849	— Austria . . . . .	36.965:192
1851	— França . . . . .	35.781:628
1851	— Grã-Bretanha . . . . .	27.619:866
1849	— Prussia . . . . .	16.331:187
1849	— Confederação Germanica . . . . .	10.712:894
1849	— Hespanha (continente) . . . . .	13.715:000
1851	— Portugal . . . . .	3.814:771
1849	— Baviera . . . . .	4.504:874
1850	— Belgica . . . . .	4.426:202
1850	— Hollanda . . . . .	3.056:591
1848	— Suecia e Noruega . . . . .	4.467:355
1849	— Dinamarca . . . . .	2.239:077
1851	— Suissa . . . . .	2.392:740
1850	— Duas Sicilias . . . . .	8.652:458
1852	— Piemonte . . . . .	4.437:584
1849	— Estados Pontificios . . . . .	2.908:015
1849	— Toscana . . . . .	1.699:938
1851	— Grecia . . . . .	995:866
1849	— Turquia . . . . .	24.400:000